

Expectativa para este semestre

	Muito sucesso	Relativo sucesso	Pouco sucesso	Nenhum sucesso
--	---------------	------------------	---------------	----------------

Controle da inflação	1,59%	29,85%	53%	15,66%
Privatização	8,17%	43,59%	42,11%	6,13%
Crescimento econômico	2,38%	22,76%	49,83%	25,03%
Renegociação da dívida externa	22,61%	50,68%	20,45%	6,25%
Maior aproximação entre capital e trabalho	6,26%	44,08%	39,18%	10,48%
Redução do déficit público	2,51%	9,49%	41,03%	46,97%
Fórum paulista de desenvolvimento	6,33%	42,91%	37,05%	13,72%

Fonte: Fiesp

Impostos inibem investimentos

O ambiente político ocupava em julho — já com a CPI sobre as acusações de tráfico de influência ao empresário Paulo César Farias em andamento — um modesto e surpreendente terceiro lugar entre as causas de desestímulo de investimento, para mil representantes de empresas ouvidos pela Price Waterhouse. A II Sondagem de Expectativas Empresariais realizada pela consultoria apontou a carga tributária excessiva (78,8% de assinalações) e a elevada taxa real de juros (54,5%) como as principais razões da retração.

A crise política, contudo, tem crescido em importância como fator de retração: o sócio-diretor da Price, Célio Lora, ressaltou que sondagem semelhante aplicada às 500 maiores empresas do país, em maio, registrara apenas 14,7% de indicações. Um subproduto da crise política e das dúvidas sobre a continuidade e a eficácia da condução da economia, a incerteza geral, também subiu como fator de desestímulo, passando de 24,2% em maio para 43,9% em julho.

O impacto da recessão sobre as mil empresas ouvidas, das quais 500 de pequeno ou médio porte, fica nítido quando se observa a opção mais freqüente ao financiamento bancário,

escasso e caro: para 48,4% das consultadas, a desmobilização de ativos. O quadro recessivo é confirmado nas expectativas para o segundo semestre, pois a projeção média de capacidade ociosa para o período fica em 30,6%. A ociosidade, e consequentemente a utilização da capacidade instalada, apresentam resultados melhores do que no primeiro semestre mas inferiores à média de 1991.

A versão divulgada ontem da Sondagem das Expectativas Empresariais foi elaborada em colaboração com a Flupeme e o Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae). Por isto, a sondagem contou com trechos dedicados ao associativismo empresarial e ao Mercosul. A maioria das empresas (85,2%) não se associou a nenhum tipo de entidade, e considera no mínimo promissoras (86,1%) as perspectivas do mercado comum com Argentina, Uruguai e Paraguai. As expectativas em relação ao Mercosul, por sinal, são mais otimistas do que em relação ao Brasil, que tem como principais desvantagens em relação a seus vizinhos de Cone Sul a carga tributária (91,4%), a instabilidade econômica (87,9%) e a estrutura de transportes, notadamente a ferroviária (80,4%).